

Formação e rompimento de vínculos entre cuidadores e crianças institucionalizadas

Formation and disruption of bonds between caregivers and institutionalized children

Formación y ruptura de vínculos entre cuidadores y niños institucionalizados

Ruth Irmgard Bärtschi Gabatz¹, Eda Schwartz¹, Viviane Marten Milbrath¹,
Hudson Cristiano Wander de Carvalho¹, Celmira Lange¹, Marilu Correa Soares¹

¹ Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Enfermagem. Pelotas-RS, Brasil.

¹ Universidade Federal de Pelotas, Curso de Psicologia. Pelotas-RS, Brasil.

Como citar este artigo:

Gabatz RIB, Schwartz E, Milbrath VM, Carvalho HCW, Lange C, Soares MC. Formation and disruption of bonds between caregivers and institutionalized children. Rev Bras Enferm [Internet]. 2018;71(Suppl 6):2650-8. [Thematic Issue: Good practices in the care process as the centrality of the Nursing] DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0844>

Submissão: 06-12-2017

Aprovação: 10-03-2018

RESUMO

Objetivo: compreender a perspectiva de cuidadores acerca da formação e do rompimento de vínculos com crianças institucionalizadas. **Método:** pesquisa qualitativa que utilizou como referencial teórico a Teoria do Apego e o Interacionismo Simbólico, e como referencial metodológico, a Teoria Fundamentada nos Dados. Participaram do estudo 15 cuidadoras de crianças de zero a três anos, de uma instituição de acolhimento infantil do sul do Brasil, no período de abril a julho de 2015. **Resultados:** elaboraram-se três categorias: “Vivenciando a formação de vínculo e o apego”; “Rompendo com os vínculos estabelecidos e se desapegando”; “Aprendendo a trabalhar com a formação e a ruptura dos vínculos”. **Considerações finais:** é preciso pensar em formas de minimizar os efeitos negativos causados pela formação e pelo rompimento de vínculos. Nesse sentido, a escuta ativa e o oferecimento de suporte psicológico favorecem o compartilhamento das experiências e o fortalecimento emocional das cuidadoras.

Descritores: Cuidadores; Relações Interpessoais; Criança Institucionalizada; Pesquisa Qualitativa; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to understand the perspective of caregivers about the formation and disruption of bonds with institutionalized children. **Method:** a qualitative research that used as a theoretical framework the Attachment Theory and the Symbolic Interactionism, and the Grounded Theory as methodological framework. Participating in the study were 15 female caregivers of children aged zero to three years, from a child care institution in the south of Brazil, from April to July 2015. **Results:** three categories were elaborated: “Experiencing the formation of bond and attachment”; “Disrupting with the established bonds and detaching”; “Learning how to work with formation and disruption of bond”. **Final considerations:** we need to think of ways to minimize the negative effects formation and disruption of bonds. In this sense, active listening and the offer of psychological support favor the sharing of experiences and the emotional strengthening of the female caregivers.

Descriptors: Caregivers; Interpersonal Relationships; Institutionalized Child; Qualitative Research; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: comprender la perspectiva de los cuidadores acerca de la formación y de la ruptura de vínculos con niños institucionalizados. **Método:** investigación cualitativa que utilizó como referencial teórico la Teoría del Apego y el Interaccionismo Simbólico y como referencial metodológico la Teoría Fundamentada en los Datos. En el estudio participaron 15 cuidadoras de niños de cero a tres años, de una institución de acogida infantil del sur de Brasil, en el período de abril a julio de 2015. **Resultados:** se elaboraron tres categorías: experimentando la formación de vínculo y el apego; rompiendo con los vínculos establecidos y desapegando; y aprendiendo a trabajar con la formación y la ruptura de los vínculos. **Consideraciones finales:** es necesario pensar en formas de minimizar los efectos negativos causados por la formación y el rompimiento de vínculos. En ese

sentido, la escucha activa y el ofrecimiento de soporte psicológico favorecen el compartir las experiencias y el fortalecimiento emocional de las cuidadoras.

Descritores: Cuidadores; Relaciones Interpersonales; Niños Institucionalizados; Investigación Cualitativa; Enfermería.

AUTOR CORRESPONDENTE Ruth Irmgard Bärtschi Gabatz E-mail: r.gabatz@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O comportamento de apego é designado como a aproximação ou a permanência junto à pessoa significativa. O seu desenvolvimento, embasado na formação de vínculos afetivos, é imprescindível para a saúde mental dos seres humanos, existindo correlação forte entre o padrão de apego de uma criança e o de cuidados recebidos⁽¹⁾. Nesse contexto, a personalidade adulta é resultado das interações da pessoa com determinadas figuras-chave, em especial as figuras de apego, durante sua infância e adolescência⁽²⁾.

A ocorrência de falhas na vinculação entre a criança e o seu cuidador primário poderá refletir em dificuldade de construção de uma identidade⁽³⁾. Portanto, o cuidado tem um papel social vital e, se for bem sucedido, constitui-se no principal fator de promoção do desenvolvimento infantil emocional, cognitivo e psicossocial, que influencia na saúde mental das pessoas. Dessa forma, é importante compreender e identificar como determinantes característicos da interação cuidador-criança e dos estilos de apego podem colocar as crianças em risco para posteriores mudanças significativas na vida⁽⁴⁾.

Quando a criança é privada da convivência familiar, por se encontrar em situação de risco pessoal e social, é preciso que seja encaminhada a uma instituição de acolhimento. Na institucionalização, ocorre uma fragilização dos laços da criança com sua família e sua comunidade de origem, podendo afetá-la de diversas formas, interferindo no seu desenvolvimento cognitivo, social e afetivo⁽⁵⁾, bem como dificultando uma possível reinserção familiar. Estudo aponta para a necessidade de se considerar o afeto na aplicação de medidas protetivas, uma vez que ele ocupa um lugar marginalizado no contexto do acolhimento infantil⁽⁶⁾. Nesse sentido, é importante que os cuidadores estejam instrumentalizados para receber e assistir as crianças. Contudo, a formação de vínculos com a criança institucionalizada também traz diversas implicações para o cuidador, como a tristeza que ocorre quando os vínculos são rompidos na desinstitucionalização infantil.

Considerando que a interação é o meio utilizado para a socialização primária do ser humano, acredita-se que conhecer o relacionamento interativo entre cuidador e criança, a partir da compreensão do cuidador, possa oferecer importantes contribuições para o cuidado a esse pequeno ser que já vivenciou, apesar de sua pouca idade, a ruptura do comportamento de apego e do vínculo com sua mãe. Diante do exposto, este estudo buscou responder a seguinte questão: Qual a perspectiva do cuidador acerca da formação e do rompimento de vínculo com as crianças institucionalizadas?

OBJETIVO

Compreender a perspectiva de cuidadores acerca da formação e do rompimento de vínculos com as crianças institucionalizadas.

MÉTODO

Aspectos éticos

Quanto aos preceitos éticos, destaca-se que todas as referências para pesquisas com seres humanos foram observadas, de acordo com o proposto pela Resolução nº 466 de dezembro de 2012⁽⁷⁾. Para tanto, os cuidadores que concordaram em participar do estudo assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O anonimato dos participantes foi mantido, utilizando-se para nomear os cuidadores a letra C, seguida de um numeral sequencial (C1, C2,...) e para as crianças a letra I, seguida de um numeral sequencial (I1, I2,...). Antes da realização do estudo, ele foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas.

Referencial teórico-metodológico e tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que utilizou como referencial teórico, para discutir a formação e o rompimento de vínculo, a Teoria do Apego⁽¹⁻²⁾ e o Interacionismo Simbólico⁽⁸⁻⁹⁾, e como referencial metodológico, a Teoria Fundamentada nos dados⁽¹⁰⁾. Este estudo apresenta uma análise aprofundada da subcategoria "Se apegando e se desapegando", que faz parte do processo de construção do modelo teórico "Percebendo o trabalho/cuidado com crianças institucionalizadas".

A Teoria do Apego destaca a importância da formação de vínculos seguros para o desenvolvimento saudável das pessoas, sendo que o vínculo e o comportamento de apego são desencadeados por diversas ações, tanto do cuidador quanto do ser cuidado⁽¹⁾. Enquanto isso, para o Interacionismo Simbólico, o ser humano aprende sobre e passa a compreender seu ambiente por meio da interação com outros. Ele existe em um mundo de símbolos, que são objetos sociais usados para representar tudo aquilo que as pessoas concordam que eles representam⁽⁸⁾. Nesse sentido, na institucionalização, a criança passa a viver em um novo contexto, necessitando se adequar a uma realidade com rotinas, espaços e relações diferentes, ou seja, símbolos estranhos a ela.

A Teoria Fundamentada nos Dados se concentra em criar esquemas conceituais de teorias, elaborando, a partir dos dados, a análise indutiva⁽¹⁰⁾. Assim, os dados constituem a base e a análise deles irá formar os conceitos.

Procedimentos metodológicos

Cenário do estudo

O cenário do estudo foi um abrigo institucional, que recebe crianças do sexo masculino e feminino, de zero a oito anos de idade, localizado em um município do sul do Brasil. Essas crianças são encaminhadas pelo Juizado de Menores e pelo Conselho Tutelar, quando não podem permanecer com as suas famílias, pois estas representam risco para elas.

Participantes do estudo

Participaram deste estudo 15 profissionais envolvidos nos cuidados diretos às crianças de zero a três anos e seis crianças nesta faixa etária, sendo a seleção da amostra intencional. Compreendeu-se aqui como cuidados diretos todas as atividades que propiciam o contato físico e visual contínuos, como a alimentação, o banho, a troca de fraldas, o auxílio para engatinhar e caminhar, as atividades lúdicas e de aprendizagem, o aconchegar ao colo, o embalar, entre outras. A escolha por profissionais que cuidam de crianças de zero a três anos se deu porque é nessa fase que se desenvolve o comportamento de apego e o vínculo com a figura principal de cuidado⁽¹⁾.

Os critérios de inclusão dos cuidadores no estudo foram: trabalhar na instituição há pelo menos três meses e prestar cuidados diretos às crianças de zero a três anos institucionalizadas. Excluiu-se a equipe técnica que não presta cuidados diretos contínuos às crianças. Os critérios de inclusão para as crianças foram: ter idade entre zero e três anos e estar na instituição a pelo menos um mês.

Coleta e análise dos dados

Os dados foram coletados no período de abril a julho de 2015, nos três turnos (manhã, tarde e noite), agendando-se os encontros previamente, de acordo com a disponibilidade dos cuidadores e da instituição. Utilizou-se, para a coleta, a entrevista intensiva com os cuidadores, contendo questões norteadoras amplas e abertas⁽¹⁰⁾. As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas para sua análise integral. Além das entrevistas, também se realizou uma observação estruturada, com um roteiro previamente definido, durante 14 dias. Nessas observações, acompanhou-se a interação de cada cuidador com cada criança em diferentes momentos de cuidado e lazer.

Na Teoria Fundamentada nos Dados, defendida por Charmaz, ocorre uma co-construção e reconstrução dos dados em direção à teoria⁽¹¹⁾. Para tanto, os dados foram analisados por meio de uma codificação inicial linha por linha, do texto transcrito em cada entrevista, individualmente, emergindo os códigos iniciais. Após, realizou-se uma codificação focalizada, em que os códigos iniciais foram comparados entre si, criando-se as categorias prévias. Em seguida, as categorias prévias foram reorganizadas em categorias centrais e subcategorias, selecionando-se as falas mais representativas de todas as entrevistas, com o propósito de interpretá-las e discuti-las. Destaca-se que os dados foram transcritos e analisados com a coleta, sendo que a cada nova entrevista ou observação realizou-se a comparação entre elas, escrevendo os memorandos para reproduzir a lógica teórica da análise. Avaliaram-se as informações codificando-as e categorizando-as, voltando posteriormente ao campo para continuar e complementar a coleta.

RESULTADOS

A partir da análise das informações, elaboraram-se três categorias: “Vivenciando a formação de vínculo e o apego”; “Rompimento com os vínculos estabelecidos e se desapegando”; “Aprendendo a trabalhar com a formação e a ruptura dos vínculos”.

Vivenciando a formação de vínculo e o apego

A formação de vínculo e apego é uma constante no processo de interação entre as cuidadoras e as crianças na instituição de acolhimento. Destaca-se que, nas observações, foram identificados vários momentos de vínculo e apego entre cuidadoras e crianças. Esses puderam ser percebidos pela troca de olhares entre cuidadoras e crianças; pelo carinho entre elas; quando a criança chama especificamente por uma cuidadora e esta lhe atende; quando as cuidadoras higienizam, alimentam e brincam com as crianças, orientando-as quanto à forma de agirem umas com as outras. Assim, percebeu-se que cuidadoras têm várias experiências recíprocas de apego com as crianças, conforme aponta C15:

Eu crio vínculo muito forte, já chorei, já senti falta, mas fica para sempre. É complicado e, assim, eles que te escolhem não é tu que escolhes eles, mas quando cria aquele vínculo forte, [...], não tem como tu negares uma coisa que eles estão te puxando. Acaba que tu te derretes, difícil, complicado, não tem como tu lidares com o lado profissional. [...] tu te apegas, aquela criança te agarra, te puxa, te quer. (C15)

O estabelecimento e o fortalecimento do vínculo faz com que as cuidadoras tenham vontade de ficar mais tempo com as crianças, inclusive de levá-las consigo para casa.

[...] tem crianças que a gente tem uma afinidade maior, [...] tem aquela que tu olhas e tu dizes assim, “[...] essa eu levaria para minha casa [...]”. (C4)

Em determinadas situações, como quando a criança demonstra maior afeto, chamando a cuidadora de mãe, o vínculo criado é tão forte que leva a cuidadora a pensar na adoção da criança, o que se efetiva em alguns casos.

Adotei ele, cheguei a levar para casa e ele faleceu. Depois eu queria adotar outro, fiz tudo, já tinha ido ao advogado, faltava pouco para levá-lo, mas aí eles disseram que tinha dois casais na minha frente, [...] ele me chamava até de mãe [...]. (C5)

Nas observações, também foi possível identificar momentos em que as crianças chamam as cuidadoras de “mãe”. Ocorreu, por exemplo, no terceiro dia de observação, quando as cuidadoras da tarde estão com as crianças no pátio: C3 conversa e orienta carinhosamente as crianças, então I3 passa a chamá-la “mãe, mãe”, para que a empurre em um triciclo. No entanto, o estreitamento do vínculo com determinadas crianças pode causar dificuldades no cuidado cotidiano, em especial, quando ocorre a troca das cuidadoras entre os turnos, existindo uma ruptura nos vínculos estabelecidos, o que gera grande estresse nas crianças.

[...] faz a diferença na formação dessa criança o vínculo que ela tem. Ao mesmo tempo eu acho muito confuso, porque, por exemplo, essa criança cria um vínculo comigo, mas daqui a pouco eu vou embora e aí vai vir uma outra tia [...]. É um vínculo complicado, [...], quando tu és mãe, tu dás uma continuidade no teu trabalho, e tu como cuidador, educador, tens que ir embora, e aí tu voltas, só que tem três plantões, tem várias noites, é difícil [...]. (C4)

[...] quando dá a troca de turno tem muita choradeira, [...], porque durante o dia tem as crianças que estão mais apegadas a algumas tias [...], e aí então dá aquele estresse muito grande nas crianças, muito choro [...]. (C14)

Na 11ª observação, quando se chegou à instituição, C1 e C3 estavam aguardando na saída para relatarmos que I5 havia ficado chorando quando passaram o seu plantão para o turno da noite. C3 aparentava estar consternada com a situação, pois possui um vínculo forte com a criança. A rotatividade das cuidadoras dificulta o estabelecimento e a manutenção do vínculo com as crianças, que estão expostas a rupturas constantes que podem interferir no seu desenvolvimento. Por outro lado, C11 aponta que, quando existe maior vinculação da criança com a cuidadora, aquela melhora com a chegada desta. Então, nesse caso, a cuidadora representa a figura principal de apego para essa criança.

[...] a gente sempre cria vínculos com todos, mas tem um ou outro que parece que teu coração amolece mais com aquele ali, é meio estranho. [...] tu acabas te apegando mais a essa criança e ela sente, [...], tu chegas e eles mudam, parece até que melhoram, se identificam [...]. (C11)

Nas observações a vinculação mais próxima com algumas crianças também ficou explícita, por exemplo, na interação de C10 com I4: C10 fica conversando com I4, sentado em seu colo. Brinca com o menino, que sorri para ela. Beija e acaricia o menino, conversando carinhosamente com ele. O menino sorri e responde à conversa balbuciando. A interação pode ser observada, ainda, entre C6 e I2: C6 aconchega I2 no seu colo e canta para ela. Outra situação observada reflete a questão apontada por C11 na entrevista, que a criança melhora com a chegada de determinada cuidadora: quando I2 chora no berçário, C9 entra e pega I2 no colo, que para de chorar.

Nesse contexto, o vínculo mais forte entre cuidadora e criança favorece o cuidado, deixando as crianças mais tranquilas e confortáveis quando estão com a cuidadora com o qual mais se identificam, sendo a figura principal de apego. Complementarmente, o desenvolvimento do vínculo se dá a partir do atendimento às necessidades de cuidado das crianças, sendo que algumas cuidadoras demonstram maior afinidade por certas crianças e vice-versa.

Significa que quanto mais eu tiver vínculo com aquela criança, mais eu vou poder responder ao que ela está me pedindo. A maioria não fala, então se eu não interagir bem com ele, se eu não tiver um bom entrosamento com ele, como é que eu vou compreender o que ele está me pedindo? (C1)

Entretanto, é preciso saber equilibrar a formação de vínculo porque se, por um lado, a criança que possui maior vinculação com determinada cuidadora se sente protegida, por outro, outra criança, que não possui esse vínculo com essa cuidadora, pode se sentir desprotegida:

[...] formar um vínculo com aquela criança, mas não deixar a outra, porque assim como a criança com quem tu formas-te o vínculo vai estar superprotegida, a outra vai se sentir

totalmente desprotegida, [...]. Então, [...], tu não podes dar tanto para uns, nem tão pouco para outros, tens que conseguir equilibrar, [...], na prática é bem difícil [...]. (C9)

Nesse contexto, é preciso que a cuidadora dê atenção para todas as crianças, não se mantendo afastada delas, pois conforme C8, a formação do apego é difícil não só para a cuidadora, mas também para a criança que, muitas vezes, não sabe em quem se apegar:

[...] aí fica aquela coisa também, eles não sabem em quem se apegar, porque em cada lado está uma, [...], tem uns que tu te apegas, [...] uns que não [...]. A gente vai levando assim, a gente vai aprendendo, vai vendo, tem dias que é mais fácil, tem dias que é mais difícil. (C8)

Rompendo com os vínculos estabelecidos e se desapegando

A formação de vínculo e o apego com a criança, embora sejam indispensáveis para o desenvolvimento infantil, causam sofrimento às cuidadoras, pois quando ocorre a quebra desse vínculo, com a saída da criança da instituição, o desapego tem que ser trabalhado, gerando um sentimento de perda. As cuidadoras apontam em seus relatos diversas situações em que vivenciaram a criação do vínculo e do apego com a chegada da criança à instituição, que foram desfeitos no momento da desinstitucionalização:

[...] agora eu tenho outra criança aqui, [...] já tem um apego de novo, aí eu tento trabalhar comigo a lei do desapego, porque daqui a pouco ele já está indo embora e [...] eu me conheço, eu vou passar por essa situação de novo e eu não queria, mas estando em um abrigo, tu não tens como [...]. (C3)

As participantes afirmam que, por saberem que o vínculo vai se quebrar, precisam se preparar, 'tendo um psicológico bem centrado', para lidar com a situação da ruptura:

[...] uma hora esse vínculo vai quebrar, [...] aí tem que estar preparada para quebra [...]. (C8)

[...] tu crias vínculo, mas tu tens que ter uma estrutura boa para lidar [...] tu tens que ter o teu psicológico bem centrado, gostar do que tu fazes e procurar fazer o melhor. (C11)

Outra forma de se proteger frente à quebra do vínculo entre a cuidadora e a criança é a conscientização antecipada da saída da criança do abrigo, conforme afirma C7:

A gente ficou sabendo que parece que vai desenrolar e ele vai para uma família substituta. Eu já estou me doutrinando e já me acostumando com a ideia de que [...] ele vai embora, para ir me preparando psicologicamente, para depois não sofrer muito, por que depois a gente sofre, sente falta e estranha. (C7)

Diante de situações como essa, é preciso que as cuidadoras aprendam a se apegar e a se desapegar também, a fim de conseguirem lidar com as relações de vínculo que formam com as crianças, durante a institucionalização. De acordo com C10, é preciso saber que aquela criança não lhe pertence e não se pode levá-la para casa:

[...] tu aprendes o apego, tu aprendes o desapego. Tu aprendes a te apegar, amar e tal, mas tu tens que te desapegar, porque não é teu e tu não podes levar para casa. Então, tu aprendes o apego, o desapego. (C10)

As situações de apego e desapego, portanto, precisam ser trabalhadas pelas cuidadoras. Elas apontam que necessitam se preparar para a quebra do vínculo que estabeleceram com a criança. Assim, o desapego é compreendido como uma necessidade constante, já que a cada nova criança que é institucionalizada, novos 'apegos' são criados e, posteriormente, desfeitos. Nas suas experiências, as cuidadoras relatam diversas situações de vínculo e ruptura vivenciadas por elas e que geraram sofrimento, interferindo no cotidiano do cuidado prestado.

Teve duas crianças às quais eu me apeguei. Agora teve uma última também que foi adotada, que eu senti muita falta, eu chorei muito. Até hoje eu ouço ela me chamar, porque ela dizia assim "ia, ia vem cá baço". Era muito difícil [...]. (C1)

As cuidadoras expressam, nessas falas, as experiências de formação de vínculo que tiveram com algumas crianças, sendo possível perceber o apego entre ambas. Entretanto, essas situações são percebidas pelas participantes como difíceis, mas que não podem ser evitadas, apesar de lhes causarem prejuízo, pois esse apego gera muito sofrimento e saudade para a cuidadora, quando o vínculo é rompido. Complementarmente, a quebra do vínculo gerada pela saída da criança da instituição impõe às cuidadoras um sentimento de vazio, conforme afirma C15:

[...] é difícil de manhã tu chegas, olhas para o berço, meu Deus, cadê? Tu sentes um vazio, parece que não tem mais nada [...]. (C15)

O sofrimento gerado pela ruptura do vínculo impõe à cuidadora, algumas vezes, a necessidade de acompanhamento médico e até uso de medicação.

[...] eu me apeguei no J [...]. Então, eu já estava fazendo um tratamento com antidepressivo, aquelas coisas assim que eu tomo até hoje. (C5)

A saída da instituição de uma criança com a qual a cuidadora criou um vínculo mais forte traz sentimentos antagônicos, de tristeza pela ruptura do vínculo e de alegria pela inserção da criança em uma família.

Ao mesmo tempo foi triste e foi alegre, porque ela precisa de uma família. Então, assim, criar um vínculo maior é triste e feliz ao mesmo tempo, porque o que a gente mais quer é que eles tenham uma família, que eles tenham um lar, porque isso aqui, por mais que a gente dê amor, isso aqui não é um lar. (C12)

Pode-se observar, com o relato de C12, que apesar do sentimento de perda, a saída da criança da instituição traz também felicidade, pois a cuidadora reconhece que embora ofereça amor às crianças, a instituição está muito longe de ser um lar. A quebra do vínculo é potencializada pela condição definitiva

em que, na maioria das vezes, as cuidadoras não têm mais contato nenhum com a criança após sua saída da instituição. Assim, mesmo que compreendam que a família que adota a criança queira cortar os laços com o período do abrigo, as cuidadoras sentem-se descartadas.

A partir de que a criança é adotada tu não tens mais, eles te descartam como se tu não tivesse cuidado, tu não tivesse nada assim [...], por um lado eles têm que fazer isso, quebrar aquele vínculo [...], mas [...], tu não vais ver mais também e aí eles te descartam assim, está aqui só para cuidar, deu, pronto, tchau. (C8)

As cuidadoras sentem-se rejeitadas, pois embora tenham participado da vida das crianças por um período importante, percebem que isso não é reconhecido pelas famílias que adotam as crianças. Portanto, com a saída da criança da instituição, na maioria das vezes, encerra-se o processo de vinculação das cuidadoras, pois elas não fazem mais parte da vida da criança.

Aprendendo a trabalhar com a formação e a ruptura dos vínculos

Aprender a lidar com o vínculo e a conhecer a realidade da ruptura futura é importante para as participantes, pois esses acontecimentos trazem consequências para a cuidadora. Com o sofrimento gerado pela ruptura do vínculo, as participantes buscam desenvolver estratégias para trabalhar com as crianças sem desenvolver o apego, evitando reviver a situação ocasionada pela quebra desse laço no futuro.

Tem aquela coisa, o vínculo que eu tinha, eu pegava toda hora, [...], a criança ficava até manhosa, mas eu pegava [...]. Hoje não, [...] tenho aquela coisa de interagir com a criança, mas é uma coisa mais moderada, [...], é uma coisa mais tranquila. (C2)

As cuidadoras percebem que é importante aprender a dosar a intensidade dos vínculos desenvolvidos. Para isso, referem que, algumas vezes, é necessário se organizar, trocando de cuidadora, para atender às crianças, visto que estas respondem melhor a determinadas pessoas, com as quais possuem um vínculo mais estreito. Entretanto, é importante realizar um rodízio, para que a criança não se apegue a apenas uma determinada cuidadora, dificultando o trabalho das outras.

A gente tenta trabalhar cada um com um, um pouco [...]. Às vezes a gente vê que não está dando certo com uma criança a gente troca, minha colega vai lá e tenta falar com ela. A gente tenta fazer isso para a criança não se apegar só em uma, porque aí o trabalho das outras com ela fica difícil. (C9)

Segundo as participantes, com o tempo e as vivências de perda, elas buscam mudar a forma com a qual se vinculam com as crianças, tentando não estabelecer laços tão estreitos, para se protegerem do vazio deixado pela saída da criança da instituição.

[...] é muito triste, é muito cruel quando a criança sai da casa assim. Tu te envolve tanto com elas que tu sentes como se

tivesse te tirando [...]. Eu penso assim, não vou me apegar, já me apeguei a vários aqui, [...] não vou me apegar mais a ninguém, não quero. (C6)

Entretanto, mesmo que o fortalecimento do vínculo entre a cuidadora e a criança traga consequências negativas, como a tristeza gerada pela ruptura, C4 considera que é muito importante para a criança, que precisa de carinho e de aconchego:

[...] quando a gente fortalece esse vínculo dói, mas eu acho importante. [...] uma criança que tem carinho, que tem um aconchego, um colinho, que muitas vezes ela [...] não teve da mãe, [...] do pai, que a gente dê só um colinho, só um carinho, essa criança [...] se sente mais segura [...] não fica tão chorosa. (C4)

Além dos fatores apresentados até aqui, o sofrimento das cuidadoras está relacionado também à experiência das crianças. Conhecendo a realidade destas, a cuidadora se sensibiliza e sofre:

[...] às vezes a gente sofre com eles. Tem certas coisas que mesmo com muito tempo de trabalho tu ainda te surpreendes [...] e aquilo ali te marca e tu ficas pensando, fica mais marcante aquela fase, aquele tempo até tu esqueceres, tu ficas sofrendo também. (C5)

As participantes evidenciam que para enfrentar o cotidiano de trabalho é preciso que se fortaleçam emocionalmente, visando lidar com as situações difíceis que se apresentam.

Tem que ter um psicológico forte, porque se tu pegas o lado afetivo [...] é complicado e se tu não lidares com o teu lado afetivo fica muito mecânico [...]. Tens que ter um controle, até porque se tu não tens controle, tu chegas em casa e depois tu não sabes como vais voltar para trabalhar no outro dia [...]. (C10)

A falta de suporte psicológico por parte da instituição, para enfrentar as situações de apego e desapego, também gera sofrimento. Assim, algumas vezes, as cuidadoras acabam se amparando umas nas outras.

[...] eu me segurava com outra que também passou pela mesma situação, [...] e ela também gostava dele, também sentiu muito, depois quando ele saiu. Então, eu me segurava nela e ela segurava em mim [...]. (C2)

As participantes apontam que, se existisse na instituição um suporte psicológico, seria mais fácil enfrentar as situações de quebra de vínculo causadas pela saída das crianças na desinstitucionalização. No entanto, como esse suporte não existe, precisam aprender a lidar com as situações difíceis, vivenciando-as.

[...] nenhuma colega aqui tem o amparo de nada, a gente sabe que tem que trabalhar, mas não tem um olhar assim, "olha, vamos cuidar um pouco mais das cuidadoras, de repente vamos ver o que elas estão sentindo, quais são as dificuldades delas. Temos crianças com problemas, como é que elas estão se sentindo em trabalhar assim, o que pode ajudar?" Não, isso daí foram perguntas que não nos foram feitas, tu aprendes no amor e na dor. (C10)

De acordo com as participantes, juntamente com a falta de suporte há também a falta de capacitação para lidar com situações apresentadas durante o acolhimento infantil, uma vez que se sentem habilitadas para resolução de algumas questões.

[...] não só cuidar o físico [...] acho que a gente tem que cuidar de tudo, mas a gente, às vezes, não está em condições para isso. A gente não tem o entendimento total para isso, então [...] tentamos fazer o melhor que podemos [...] acalmar, tentar cuidar, [...], mas tem coisas que fogem da nossa alçada [...]. (C10)

Com o tempo de atuação dentro da instituição de acolhimento as cuidadoras vão buscando se adaptar às constantes formações e rupturas de vínculo. No entanto, algumas vezes, a lembrança dos vínculos perdura para sempre.

Acho que nunca vai passar [...] até hoje mesmo se eu ficar lembrando dos momentos [...] eu chego a chorar, porque dá muita saudade [...]. (C15)

A vivência de vínculo pelas cuidadoras com as crianças institucionalizadas é marcada por alegrias e tristezas que permanecem para o resto de suas vidas. Mesmo que as cuidadoras passem por diversas experiências e que os vínculos formados sejam rompidos definitivamente, sem nenhum contato posterior com a criança após sua saída da instituição, a lembrança do apego permanece marcada na vida das cuidadoras e, possivelmente, na das crianças também, já que muitas passaram longo tempo convivendo entre si no abrigo.

DISCUSSÃO

Destaca-se a importância da vinculação afetiva segura para o desenvolvimento das pessoas, sendo que o afeto não está relacionado apenas ao processo de desenvolvimento, mas também à socialização individual e coletiva⁽¹²⁾. A qualidade do vínculo e do apego influencia o desenvolvimento emocional, cognitivo e social das crianças, futuros adultos, que se criados em ambientes mais sensíveis, podem transformar-se em cidadãos mais justos e solidários⁽¹³⁾. Com o estabelecimento de relações estáveis e vínculos afetivos fortes, torna-se possível romper com ciclos de violência transgeracional, em prol de um desenvolvimento pleno e saudável para as crianças. Complementarmente, observa-se que a institucionalização pode impactar negativamente em várias áreas do desenvolvimento infantil, em especial, na afetividade e na cognição⁽⁵⁾.

Na interação com a criança institucionalizada, a cuidadora compreende que a criação do vínculo é uma condição essencial, sem a qual não pode exercer o seu trabalho, já que a própria criança requer isso. Assim, o desenvolvimento do comportamento de apego está relacionado à sensibilidade que a figura principal tem de responder aos sinais do bebê e a sua interação com ele⁽¹⁾. Nesse contexto, é necessário que os cuidadores substitutos ofereçam às crianças institucionalizadas um vínculo regulado por interações constantes e de confiança⁽¹⁴⁾.

As situações de convivência intensa, assim como as interações sociais caracterizadas pela proximidade e por demonstrações de afeto, agem sobre as crianças e as cuidadoras, modificando sua realidade, pois as pessoas passam constantemente por mudanças

durante a interação social⁽⁸⁾. Nessa perspectiva, observou-se, no presente estudo, que a maior proximidade e vínculo geram nas cuidadoras a vontade de permanecer com as crianças.

O desenvolvimento de níveis mais seguros de vínculo está relacionado a maiores habilidades dos cuidadores em se conectar emocionalmente com as crianças por meio do olhar, da comunicação e do brincar⁽¹⁵⁾, sendo este último primordial para o bem-estar e o bom desenvolvimento infantil⁽¹⁶⁾. Complementarmente, a formação de vínculo e o desenvolvimento do apego fazem parte do cotidiano do cuidado da criança institucionalizada, sendo uma condição recíproca entre cuidador e criança. Assim, a criança busca pela atenção da cuidadora, solicitando seu cuidado e a cuidadora responde à criança atendendo à sua solicitação e se apegando a ela.

A figura principal de apego para a criança, embora seja usualmente a mãe, pode ser outra pessoa com a qual tenha proximidade, desde que essa pessoa se comporte de maneira maternal, mantendo uma interação social intensa com a criança⁽¹⁾. Nesse sentido, percebeu-se que as cuidadoras tiveram com as crianças uma relação tão próxima, como a entre uma mãe e seu filho, representando suas figuras principais de apego. Assim, surge a vontade das participantes de manter esse laço para sempre, por meio da adoção daquela criança com a qual criaram uma vinculação mais forte. Entretanto, a adoção independe apenas da vontade da cuidadora, devendo seguir trâmites legais, o que a impossibilita, na maioria das vezes, gerando sofrimento e frustração.

Estudo com mães sociais aponta as dificuldades que elas têm em elaborar os limites entre o trabalho de educadora e o exercício de maternagem, ou seja, “onde termina seu desejo materno para começar o exercício de uma atividade profissional”⁽¹⁷⁾. No entanto, embora exista a necessidade de se vincular afetivamente às crianças, favorecendo a constituição de um ambiente familiar, o educador não pode apropriar-se da criança que cuida, com pretensão de ocupar o lugar da família⁽¹⁸⁾. Acredita-se que não seja uma tarefa fácil, quiçá possível, cuidar e desenvolver vínculo sem se sentir mãe da criança institucionalizada.

No contraponto, as cuidadoras apontam que o estreitamento do vínculo com algumas crianças pode acarretar dificuldades no cuidado, pois ao mesmo tempo em que elas se dedicam mais especificamente àquela criança, as outras crianças ficam de lado. Além disso, a criança vai estar exposta às quebras frequentes do vínculo com sua figura principal de apego. Logo, as cuidadoras não podem deixar ‘que a criança se apegue só em uma’, sendo que o convívio com cuidadores diversos e rupturas frequentes nos vínculos podem ser muito complexos⁽¹⁹⁾.

Nesse cenário de idas e vindas, a cuidadora e a criança vivenciam, diversas vezes, a experiência de ligar-se e desligar-se. Contudo, o vínculo afetivo na relação cuidadora/criança é indispensável para a elaboração e a manutenção de um ambiente saudável, agindo sobre o desenvolvimento da capacidade de ambos vincularem-se, um ao outro⁽¹⁹⁾.

Para as cuidadoras deste estudo, a criança percebe o contato mais afetivo oferecido por elas e se tranquiliza com ele, sendo que a qualidade das relações estabelecidas entre as crianças e as pessoas que a cercam é muito importante para o seu desenvolvimento psíquico e social⁽²⁰⁾. Em contrapartida, quando a criança percebe o afastamento do cuidador que representa para ela a figura principal de apego, tende a protestar. Complementarmente,

as cuidadoras apontam que as crianças escolhem o cuidador, desenvolvendo relações de vínculo preferidas com alguns deles, enquanto que o mesmo não ocorre com outros, ou seja, elas escolhem os cuidadores preferenciais⁽²¹⁾.

A vinculação entre a cuidadora e a criança é compreendida pelas participantes também como uma condição de proteção para a criança. A ausência de um cuidador preferencial na instituição gera valores mais altos de comportamento social indiscriminado, então, possuir um cuidador preferencial com o qual a criança tem vínculo é um fator de proteção quanto ao desenvolvimento do comportamento social indiscriminado⁽²¹⁾.

O desenvolvimento emocional implica mudanças contínuas na capacidade da criança para se relacionar com o meio, assim como na maneira em que percebe a si mesma e ao mundo circundante⁽¹³⁾. Assim, a falta de interação entre o cuidar e a criança pode interferir no desenvolvimento emocional desta. Nesse contexto, o cuidador também passa por um processo de adaptação, aprendendo no cotidiano como lidar com o apego e com a falta dele na interação com as crianças, ‘tendo dias em que é mais fácil e dias em que é mais difícil’, conforme C8.

A criação e o rompimento dos vínculos são uma constante para as cuidadoras, pois cada apego gera uma ruptura que é sucedida por um novo apego e, conseqüentemente, uma nova ruptura. Nesse contexto de vinculação e desvinculação é preciso que o cuidador aprenda a trabalhar os seus sentimentos, pois as mudanças e as rupturas vividas na instituição de abrigo afetam todos os envolvidos no processo⁽²²⁾. Acredita-se ser necessário oferecer às cuidadoras um suporte emocional para lidarem com as constantes vinculações e quebras que vivenciam no contexto do abrigo, pois quando elas se sentem amparadas, conseguem lidar com temas difíceis, como as separações e as perdas, sendo o espaço da supervisão adequado para isso⁽²²⁾.

Contudo, essa não é a realidade vivenciada pelas cuidadoras na instituição deste estudo, elas não possuem suporte psicológico, nem se sentem amparadas, o que dificulta o enfrentamento da ruptura do vínculo com a criança. Nesse contexto, seria imprescindível um acompanhamento contínuo em que fossem trabalhadas as questões psicológicas inerentes ao desempenho da função⁽¹⁹⁾. Além disso, é necessário ter uma atualização continuada para o trabalho em instituições de acolhimento, porque as situações vivenciadas são dinâmicas, mostrando-se diferentes a cada dia, sendo que a aprendizagem da formação profissional precisa ser estruturada nas vivências práticas⁽²³⁾.

O desenvolvimento do apego com as crianças, que posteriormente deixam a instituição, gerando a quebra do vínculo suscita o paradoxo e o sofrimento vivenciado pelos cuidadores substitutos, que reconhecem a importância do investimento afetivo para as crianças, mas também suas conseqüências para estas e para si próprios⁽¹⁴⁾. Segundo estudo, existe relação entre o comportamento atencioso e as habilidades de regulação emocional, assim como entre ligações inseguras, dificuldades de atenção das crianças e propensão ao estresse⁽²⁴⁾. Portanto, quando crianças estabelecem um vínculo inseguro com os cuidadores profissionais, elas não conseguem organizar seus estímulos e consequentes metas para regular suas emoções, as quais lhes permitiriam constituir seu comportamento de atenção⁽²⁴⁾. Nesse sentido, a capacitação do cuidador é uma das

mais importantes intervenções preventivas, pois pode contribuir para a preservação da identidade dos cuidadores, protegendo suas especificidades e considerando-os como atores sociais capazes de alterar a realidade da institucionalização infantil⁽²⁵⁾.

Limitações do estudo

As limitações do estudo estão relacionadas ao fato de considerar uma realidade específica, de uma única instituição de acolhimento, o que não permite generalizações.

Contribuições para a área da Saúde

Acredita-se que os resultados encontrados podem contribuir para que os profissionais de saúde elaborem estratégias de apoio ao cuidador, ressaltando a necessidade de lhe oferecer um espaço de escuta, para que possa (re)pensar suas relações de apego e de desapego com a criança institucionalizada. Assim, sugere-se o desenvolvimento de pesquisas em outros contextos de acolhimento infantil, buscando ampliar a compreensão acerca da formação de vínculos e do apego e de como estes agem sobre a vida do cuidador e da criança institucionalizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste estudo foram atingidos, uma vez que foi possível compreender a perspectiva dos cuidadores acerca da

formação e do rompimento de vínculos com as crianças institucionalizadas. De acordo com essa perspectiva, os cuidadores interagem com a criança institucionalizada e, nessa interação, algumas vezes desenvolvem um sentimento de apego mais forte. A formação de vínculo e apego traz para os cuidadores a necessidade de lidarem com a sua posterior ruptura, quando a criança é adotada ou volta para sua família. Nesse processo de vincular-se e desvincular-se, diversas são as dificuldades enfrentadas pelos cuidadores, gerando sofrimento, ansiedade e tristeza. Para tanto, os cuidadores buscam criar ferramentas de proteção, visando amenizar seu sofrimento frente à perda, entre elas destaca-se a busca por interações mais superficiais que não suscitem o apego. Contudo, essa não é uma tarefa fácil, sendo que os cuidadores reconhecem que a criança precisa do vínculo e do apego para se desenvolver adequadamente, pois a formação de vínculo é indispensável para oferecer um cuidado integral e de qualidade.

Assim, é necessário pensar em formas de auxiliar cuidadores e crianças a minimizar os efeitos negativos causados pela formação e pelo rompimento de vínculos. Uma maneira de trabalhar essa questão é apontada pelas próprias cuidadoras neste estudo, quando verbalizam a necessidade de serem ouvidas e de terem suporte psicológico, de modo que possam compartilhar suas experiências para se fortalecerem emocionalmente e seguir desenvolvendo o seu trabalho.

REFERÊNCIAS

1. Bowlby J. Apego: a natureza do vínculo. 3ª ed. 2ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes; 2009.
2. Bowlby J. Apego e perda: separação, angústia e raiva. Vol. 2. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes; 2004.
3. Biazus CB, Ramires VRR. Depression in adolescence: an issue of bonds. *Psicol Estud*[Internet]. 2012[cited 2017 Oct 19];17 (1):83-91. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v17n1a09.pdf>
4. Tryphonopoulos PD, Letourneau N. Attachment and caregiver-infant interaction: a review of observational-assessment tools. *Infant Ment Health J*[Internet]. 2014[cited 2017 Oct 19];35(6):642-56. Available from: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/imhj.21461/pdf>
5. Oliveira LMM, Resende AC. Study of depressive symptoms in children under institutional care. *Psicol Pesq*[Internet]. 2016[cited 2018 Feb 11];10(1):55-63. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v10n1/08.pdf>
6. Boemans EF, Martins KPH. Institutional sheltering: reality, causality, singularity in the psychoanalysis and the law. *Gerai*[Internet]. 2016[cited 2017 Oct 19];9(1):03-16. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v9n1/v9n1a02.pdf>
7. Brasil. Conselho Nacional de Saúde. Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos[Internet]. 2012[cited 2017 Oct 19]. Available from: <http://www.conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>
8. Charon JM. Symbolic Interactionism: an introduction, an interpretation, an integration. 10th ed. Boston: Pearson Prentice Hall; 2010.
9. Charon J. Os símbolos, o Eu e a Mente: nossa natureza ativa. In: Charon J, Vigilant LG. *Sociologia*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva; 2013. p. 208-23.
10. Charmaz K. A construção da teoria fundamentada: guia prático para análise qualitativa. Porto Alegre: Artmed; 2009.
11. Santos JLG, Erdmann AL, Sousa FGM, Lanzoni GMM, Leite ALSF. Methodological perspectives in the use of grounded theory in nursing and health research. *Esc Anna Nery*[Internet]. 2016[cited 2017 Oct 19];20(3):e20160056. Available from: http://www.scielo.br/pdf/ean/v20n3/en_1414-8145-ean-20-03-20160056.pdf
12. Brazão JCC. Affect in Developmental Psychology: a contemporary perspective. *Psicol Ciênc Prof*[Internet]. 2015[cited 2017 Oct 19];35(2):342-58. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v35n2/1982-3703-35-2-0342.pdf>
13. Salinas-Quiroz F, Posada G. MBQS: método de evaluación para intervenciones en apego dirigidas a primera infancia. *Rev Latinoam Cienc Soc Niñez Juv*[Internet]. 2015[cited 2017 Oct 19];13(2):1051-63. Available from: <http://www.scielo.org.co/pdf/rlcs/v13n2/v13n2a36.pdf>

14. Golin G, Benetti SPC. Early sheltering and bonding in institution. *Psicol Teor Pesqui*[Internet]. 2013[cited 2017 Oct 19];29(3):241-8. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v29n3/v29n3a01.pdf>
15. Lecannelier F, Silva JR, Hoffmann M, Melo R, Morales R. Effects of an intervention to promote socioemotional development in terms of attachment security: a study in early institutionalization in Chile. *Infant Mental Health J*[Internet]. 2014[cited 2017 Oct 19];35(2):151-9. Available from: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/imhj.21436/epdf>
16. Conzatti R, Mossmann C. Resilience in hosted children: their perceptions of adversities. *Psicol Rev*[Internet]. 2015[cited 2017 Oct 19];21(2):352-78. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n2/v21n2a09.pdf>
17. Teixeira PAS, Villachan-Lyra P. Meanings produced by social-mothers in relation to the moment of getting out of the institution in "casa-lar" system. *Psicol Soc*[Internet]. 2015[cited 2017 Oct 19];27(1):199-210. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n1/1807-0310-psoc-27-01-00199.pdf>
18. Brasil. Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente-CONANDA. Conselho Nacional de Assistência Social-CNAS. Orientações Técnicas: serviços de acolhimento para crianças e adolescentes[Internet]. 2009[cited 2017 Oct 19]. Available from: http://www.mds.gov.br/cnas/noticias/orientacoes_tecnicas_final.pdf
19. Lemos SCA, Gechele HHL, Andrade JV. Affectional bond in the context of institutional care: a field study. *Psicol Teor Pesqui*[Internet]. 2017[cited 2018 Feb 11];33:1-10. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v33/1806-3446-ptp-33-e3334.pdf>
20. Chaves CMP, Lima FET, Mendonça LBA, Custódio IL, Matias EO. Evaluation of growth and development of institutionalized children. *Rev Bras Enferm*[Internet]. 2013[cited 2017 Oct 19];66(5):668-74. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v66n5/05.pdf>
21. Soares I, Belsky J, Oliveira P, Silva J, Marques S, Baptista J, et al. Does early family risk and current quality of care predict indiscriminate social behavior in institutionalized Portuguese children. *Attach Hum Dev*[Internet]. 2014[cited 2017 Oct 19];16(2):137-48. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24405461>
22. Tinoco V, Franco MHP. Coping with bereavement in children's sheltering. *Estud Psicol*[Internet]. 2011[cited 2017 Oct 19]28(4):427-34. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v28n4/03.pdf>
23. Silva CDL, Denardi RC, Becker APS, Delvan JS. Psychology in the institutional care services aiming at strengthening family and community ties. *Pesqu Prát Psicossoc*[Internet]. 2015[cited 2017 Oct 19];10(1):55-65. Available from: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ppp/v10n1/05.pdf>
24. El Koumi MA, Ali YF, Banna EA, Youssef UM, Raya YM, Ismail AA. Psychiatric morbidity among a sample of orphanage children in Cairo. *Int J Pediatr*[Internet]. 2012[cited 2017 Oct 19];1-7. Available from: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3523538/pdf/IJPED2012-141854.pdf>
25. Barros NS, Naiff LAM. Capacitação para educadores de abrigo de crianças e adolescentes: identificando representações sociais. *Estud Pesqui Psicol*[Internet]. 2015[cited 2018 Feb 11];15(1):240-59. Available from: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/16073/12092>